



Universidade  
ESTADUAL DA PARAÍBA

**CAMPUS OSMAR DE AQUINO  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**ELIANE ALVES TAVARES**

**O NEGRO NO CON(TEXTO) LOBATIANO**

**GUARABIRA – PB**

**2011**

**ELIANE ALVES TAVARES**

**O NEGRO NO CON(TEXTO) LOBATIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **em Letras** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Rosilda Alves Bezerra

GUARABIRA – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

T231n

Tavares, Eliane Alves

O negro no con(texto) lobatiano / Eliane Alves  
Tavares. – Guarabira: UEPB, 2011.

22f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em  
Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.

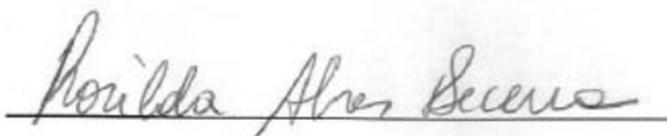
“Orientação Prof. Dr. Rosilda Alves Bezerra”.

**ELIANE ALVES TAVARES**

**O NEGRO NO CON(TEXTO) LOBATIANO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação **em Letras** da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Aprovada em 07/12/2011.



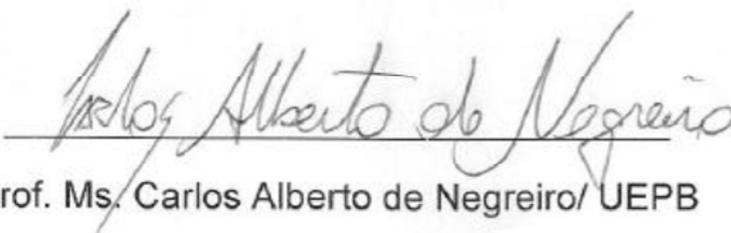
Profª Drª Rosilda Alves Bezerra / UEPB

Orientadora



Profª. Drª. Maria Suely da Costa / UEPB

Examinadora



Prof. Ms. Carlos Alberto de Negreiro / UEPB

Examinador

## O NEGRO NO CON(TEXTO) LOBATIANO

TAVARES, Eliane Alves

### RESUMO

Este artigo propõe discutir a identidade cultural do negro, bem como analisar as diferentes formas de suas representações nas obras *História de Tia Nastácia*, *Aritmética da Emilia* e *O Presidente Negro*, da Literatura Infantil de Monteiro Lobato. Destacaremos como o negro foi retratado na literatura deste autor, refletindo sobre o racismo presente na sociedade de final do século XIX e na ficção. Essa busca se fará procurando destacar os principais pontos relacionados ao termo racismo, alertando para a questão das discussões étnico-raciais no âmbito da Educação e reconhecendo o papel que a Literatura Infantil tem na construção da identidade das crianças na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Monteiro Lobato – Preconceito – Educação – Racismo – Negro.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como principal objetivo destacar de que forma o personagem negro aparece nos textos de Monteiro Lobato. O *corpus* parte da investigação de vários trechos de obras específicas. Em seu caráter bibliográfico, tal pesquisa tem por objetivo propor uma reflexão no que concerne à representação do negro dentro da narrativa Lobatiana. Para tanto, fez-se uso e contribuições teóricas retratando como na maioria das vezes este personagem é tratado como um objeto, sendo visto na literatura brasileira com certo preconceito por parte dos enunciadores.

Atestar que Monteiro Lobato fosse ou não racista, não é o objetivo desta pesquisa. O que chama a atenção nas obras é a ambiguidade, justamente o que gera esta discussão acerca do racismo do escritor. Buscaremos analisá-las revelando de que forma essa representação sobre o negro foi destacada.

Utilizaremos a pesquisa bibliográfica, através de livros, artigos científicos, dentre outros. A pesquisa seguirá com a leitura de algumas obras e contos de Lobato, que irá expor variadas representações em torno do personagem negro.

Analisaremos esta representação por meio das obras nas produções *Historias de Tia Nastácia*, *Aritmética da Emilia* e *O Presidente negro*, destacando aspectos relevantes sobre as mesmas, e de que forma essa construção de estereótipos serviu para reforçar o processo de preconceito racial na obra de Lobato.

Algumas considerações sobre a presença do negro na Literatura Lobatiana

Monteiro Lobato acreditava que a problemática da superação do brasileiro, sobretudo no ponto de vista econômico, político, social e cultural, ocorria

principalmente por causa da miscigenação. Nesse sentido Azevedo (1997) afirma que:

Na posição de observador privilegiado, Lobato tece comentários sobre os problemas nacionais – algo que faz desde as primeiras paginas enviadas a Arthur Neiva. “Deste ponto de vista, vejo bem o Brasil em conjunto e posso julgar de sua mentalidade. É o caso perdido que eu já supunha aí. (...) Um país onde um sujeito para ir de um ponto de cem milhas de distancia precisa, salvo honrosíssimas exceções, montar num nosso irmão cavalo e gastar 150 horas da sua vida é positivamente um país paralítico. O americano faz essas cem milhas com o dispêndio de 2 horas de vida.(AZEVEDO, 1997, p.238)

Podemos afirmar a importância de Monteiro Lobato para a literatura brasileira, pois ele fez surgir um novo estilo baseado num aspecto ideológico, no qual sua disseminação foi extremamente relevante na construção Literária. Todavia, observamos que, os aspectos semânticos destacados por Lobato nas suas obras, em especial, pela autovalorização regional que empregara em suas criações, revela uma imagem deturpada em seus personagens, sobretudo o que ele pensava sobre o povo brasileiro. Tal discussão deu êxito para que este autor permanecer como um dos poucos autores que desenvolvia um estilo diferente na literatura brasileira, como pode observar nessa afirmação de Coutinho:

O estilo inteiramente novo com que Lobato fazia a sua aparição. A maneira original e pitoresca com que lançava as suas histórias. E a flagrante realidade dos tipos e cenas que trazia para as páginas dos seus livros. Ele não vinha falar do matuto com imagens mitológicas, e a força do seu estilo (traindo a princípio certo ranço camiliano, quando a moda era Eça) não existia como em tantos outros regionalistas, por força de vocábulos regionais, e longe das suas narrativas o simples pitoresco como prato de resistência.(COUTINHO, 1997, p.295).

Se Lobato estivesse vivendo em nosso século, talvez tivesse outro pensamento, pois o homem é produto de seu tempo e reflete os valores sociais de sua época. Nesse caso, trata-se de uma sociedade de final de século XIX, que culturalmente, ainda não reconhecia, respeitava ou percebia a necessidade das discussões em torno da temática aqui abordada. As consequências desse pensamento hegemônico provocaram a marginalização e inferiorização das culturas e costumes de outros grupos sociais.

A literatura infantil no Brasil se iniciou, de fato, a partir de Monteiro Lobato, quando ele rompeu a dependência brasileira dos estilos e padrões literários advindos da Europa devido o seu conhecimento sobre o Folclore brasileiro. O estilo literário Lobatiano teve credibilidade no Brasil e se tornou gênero do século XX renovando a literatura. Diante desse fato, os demais escritores elevaram outro olhar para seu estilo nas primeiras décadas onde foi o eixo central de sua influência, como afirma Coutinho:

A ação de Monteiro lobato – como escritor a princípio, depois como editor – propiciara todo um surto nas letras de São Paulo, levando mesmo o crítico João Pinto da Silva a falar em “Escola Paulista”. A Lobato cabe o lançamento de muitos daqueles que integraram a “Semana da Arte Moderna”. Oswald de Andrade diria, mais tarde, que *Urupês* fora o verdadeiro marco zero desse movimento de renovação literária, embora seu autor fosse mais acérrimo inimigo das teorias apregoadas pelos modernistas. Mas entre 1918 e 1922, sua influência é muito viva, e a ficção paulista gravita, de certa forma, à sua volta. Escritores como Veiga Miranda, Amando Caiubu, Valdomiro Silveira, Cornélio Pires ou Albertino Moreira sentem, senão a influência, pelo menos a presença e o estímulo do contista, e realizam uma literatura mais ou menos enquadrada no espírito que caracteriza boa parte da produção Lobatiana, ou seja, um regionalismo que procura fixar tipos, costumes e linguajar típicos, sem visíveis influências alienígenas (COUTINHO, 1997, p. 297).

Lobato criou um estilo literário, no qual a tradição folclórica do ambiente predominantemente no interior brasileiro passou a ser aproveitada e valorizada.

Linguagem e discriminação racial na narrativa Lobatiana.

A linguagem utilizada nos livros de Lobato reproduz a idéia de que o que é negro é ruim. Atentamos, então, para algo: Sendo a literatura infantil um instrumento através do qual se pode vivenciar sentimentos comuns à existência humana, por permitir experimentar o imaginável, qual o papel da linguagem na construção identitária crianças?

Ao contemplarmos as relações raciais dentro do espaço escolar, questionamo-nos até que ponto ele está sendo coerente com a sua função social quando se propõe a ser um espaço que preserva a diversidade cultural, responsável pela promoção da equidade. A exclusão simbólica, que poderá ser

manifestada pelo discurso do outro, parece tomar forma a partir da observação do cotidiano escolar. Esta poderá ser uma via de disseminação do preconceito por meio da linguagem, na qual estão contidos termos pejorativos que em geral desvalorizam a imagem do negro.

Linguagem é a forma como algo nos é apresentado. Assim, em se tratando da maioria das obras da autoria de Monteiro Lobato, um aspecto pode ser notado: tratam, respeitando o contexto histórico-social em que foram produzidas, de configurar uma idéia responsável por incutir na cabeça das pessoas o desejo de ser melhor e esse melhor está relacionado a sua cor.

Essas mensagens ideológicas tomam uma dimensão mais agravante ao pensarmos que seus receptores são crianças em processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e social. Dessa forma, elas podem incorporar mais facilmente essa linguagem provida de conteúdos discriminatórios que permeiam as relações sociais, aos quais passam a atender os interesses da ideologia dominante, que objetiva consolidar a suposta inferioridade de determinados grupos.

Analisando as obras *Aritmética da Emília*, Tia Nastácia constitui o único personagem negro citado na obra. O livro apresenta capítulos em que os enredos giram em torno das descobertas no mundo da matemática. A turma do Sítio do Picapau Amarelo decide se aventurar pelo universo dos números e das operações matemáticas. O País da Aritmética desembarca no Sítio e se apresenta num circo organizado pelo sábio Visconde de Sabugosa.

Entre uma reinação e outra, os artistas da matemática mostram para Emília, Narizinho e toda a turma, como essa matéria pode ser bem divertida. Monteiro Lobato transforma de modo inteligente temas como divisão, subtração, frações e outras operações, em pura diversão. Seria muito proveitoso para as crianças se não fossem os traços marcantes de preconceitos raciais que se destacam no livro, como podemos verificar adiante.

No primeiro capítulo, Tia Nastácia aparece como um personagem que nada vê de relevante nas descobertas da matemática – o que permite o leitor

observar que a personagem, desprovida de conhecimento científico, desconhece o valor de tais descobertas. Tal evidência se confirma quando Tia Nastácia se diz estar boquiaberta com a sabedoria do Visconde, em dizer coisas que ela não compreende. Com isso, logo é interrompida pelas palavras de D. Benta, como observamos neste trecho:

— Não entende você, que é uma analfabeta — respondeu Dona Benta. — Todos os outros, até a Emília, estão entendendo perfeitamente o que ele diz [...] (LOBATO, 2002, p.13)

Tia Nastácia contenta-se com o senso comum, a sabedoria popular, o conhecimento sobre rezas ou receitas culinárias. Isso é, segundo o que descreve a obra, tudo o que a personagem pode e deve saber, como se observa nas palavras de Tia Nastácia: — Eu quis ensinar ao Visconde uma reza muito boa para bicho arruinado [...] (LOBATO, 2002, p.13). Ao tempo em que D. Benta completa: — Superstição de negra velha, não foi isso? (LOBATO, 2002, p.14). E Tia Nastácia retorna à cozinha de “beijo espichado”, onde passara, como notado, praticamente toda a história.

A personagem era sempre tratada como uma analfabeta. Observamos nas palavras de Emília neste trecho do livro:

— Mas se você não sabe aritmética, Nastácia, como sabe que nós sabemos tabuada? — perguntou-lhe a menina. — Sei, porque quando um canta um número os outros não “correge”. — Corrigem, boba. Correge é errado. (LOBATO, 2002, p. 65).

Uma afirmação de Emília, ao justificar sua natureza “asneirenta”, põe o leitor de frente com termos preconceituosos e discriminatórios, que inferiorizam o personagem negro. — Pois eu sou asneirenta, porque aquela burra da Tia Nastácia me fez assim. Ela foi a minha natureza. Natureza preta como carvão e beijuda... (LOBATO, 2002, p.54)

Na obra intitulada *Historias de Tia Nastácia (1937)*, podemos encontrar explicitamente a presença da cultura e saber populares fruto do conhecimento da vida pelo seu exercício real. Ao longo da obra infantil *Lobatiana*, a exceção ao carinho brincalhão que a cerca vem sempre através da personagem Emília que em momentos de discussão e desentendimento desrespeita a velha cozinheira, como observamos no trecho adiante:

Pois cá comigo – disse Emilia – só aturo estas historias como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas nem tem humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras – coisas mesmo de negra beijuda como tia Anastácia. Não gosto, não gosto e não gosto! (LOBATO, 1957 p. 30)

Após cada história contada por Tia Nastácia, há comentários dos personagens. A maior parte desses comentários tratam o folclore brasileiro como algo que demonstrasse pobreza e ingenuidade, frutos da imaginação popular de um povo, algo para ser desprezado, sem substância cultural.

O povo é um grupo de pessoas das quais as crianças, dona Benta e Emília não fazem parte. O povo é o outro. Ao olhar antropológico, com o qual se deve analisar os contos narrados, soma-se a crítica não apenas a seus princípios estéticos, mas também à origem e ao modo de divulgação das histórias.

Nas histórias populares contadas pela personagem Tia Nastácia, ou através das palavras de Emília, os personagens negros carregam o fardo da ignorância. Todos os personagens negros presentes nas histórias representam figuras caricaturadas ou inferiorizadas, descritas na imagem de pessoas mentirosas, tolas, e ocupando sempre papéis secundários, como cozinheira, tratador de animais, criados, entre outros.

Pode-se dizer que uma das características fortes em Emília é a espontaneidade com que fala o que pensa. Dentre tais características, é evidente a desobediência. Claramente, a personagem Emilia, emite uma crítica não particular a Tia Nastácia, na obra, mas ao negro em geral, atribuindo-lhes adjetivos deturpados. Além de chamar Tia Nastácia de negra, utiliza-se do termo “beijo” para fazer menção aos lábios do personagem, como se nota no capítulo XXIV: — Bem se vê que é preta e beijuda. Não tem a menor filosofia a diaba [...] (LOBATO, 2002, p.88).

Em contradição a própria crítica referida a Tia Nastácia, crítica essa freqüente dentro da obra, Emilia corrige Pedrinho quando este se refere aos próprios lábios como “beijos”: — beijo é de boi – protestou Emilia – gente tem lábios. (LOBATO, 2002, p.76). Essa notável contradição parece excluir a

personagem Tia Nastácia da condição de ser humano, ou “gente” como disse no trecho, já que ela é adjetivada constantemente como Negra Beijuda.

Encontrar livros de literatura infantil que trouxessem personagens negros, sob o critério de auxiliar na construção positiva da identidade e consciência negra, é uma busca difícil quando se tratando de obras de Monteiro Lobato pelo fato de a representação do negro, dentro dessas obras, ser insuficiente, pela raridade de personagens negros ocupando uma posição positiva nos enredos, se comparados com os brancos.

Com toda a busca pela igualdade de direitos, empreitada tanto entre gêneros, raça, religião, opção sexual, entre outros, faz-se necessário a reformulação da linguagem utilizada para representar a pluralidade característica da nossa sociedade. Isso se faz com uma reformulação desse ultrapassado rótulo que fora entregue ao povo negro por tanto tempo retratada em nossa Literatura.

O Presidente Negro: uma metáfora das consequências da desculturação de um grupo étnico.

A obra *O Presidente negro*, além de tratar sobre a eugenia, assunto discutido no século XX, traz aquilo que para Lobato seria a solução para onda negra crescente nos Estados Unidos. O autor chega a surpreender o leitor com o plano da raça branca para eliminar os então indesejados negros.

Ayrton permeia a narrativa com algumas considerações raciais. Diz que tanto nos Estados Unidos como no Brasil houve erros iniciais na composição destas nações, este erro foi trazer o negro para a América, quando deveria ter permanecido na África, como podemos observar neste trecho do livro:

—Está tudo muito bem, adverti eu, mas nos Estados Unidos não penetraram apenas os elementos espontâneos que miss Jane aponta. Entrou ainda, á força, arrancado da África, o negro.

—Lá ia chegar. Entrou o negro e foi esse o único erro inicial cometido naquela feliz composição. (LOBATO, 1979 P 70)

No romance, Lobato postula uma solução eugênica para o Brasil: no futuro as regiões sul e sudeste se uniram à Argentina e ao Uruguai para formar a grande República Branca do Paraná, enquanto as regiões Norte e Nordeste foram entregues aos negros, índios e mestiços.

Através de um processo artificial de branqueamento, que teria deixado os negros “horridamente esbranquiçados”, mas mesmo após a “despigmentação” os negros não poderiam ser aceitos pelos brancos orgulhosos de sua raça e cor diante daquele “esbranquiçado”, como observamos na seguinte citação:

Mas nem eliminando com os recursos da ciência o característico essencial da raça deixavam os negros de ser negros na America. Antes agravavam a sua situação social, porque os brancos, orgulhosos da pureza étnica e do privilegio da cor branca ingênita, não lhes podiam perdoar aquela “*camouflage*” da despigmentação. (LOBATO, 1979, p. 81)

É então que um inventor americano John Dudley propõe uma solução. Alisar os cabelos dos negros através do uso de raios ômegas. Milhões de negros, na verdade a totalidade destes passam pelo processo de alisamento. Dessa forma, todos os bairros de todas as cidades americanas filiais da empresa de Dudley são abertas. A narrativa revela a grande saída americana, o genocídio, os ditos raios ômegas, além de alisarem os cabelos dos negros, provocam a esterilização de toda à raça negra. Lobato saúda a grande solução americana.

—“Maravilhoso!... Mas então é assim absoluto o efeito?”  
 —“Fiz todas as experiências e tirei todas as contra provas,”  
 respondeu Dudley. “O efeito é absoluto!”  
 —“Sem dor, sem lesão, sem que o paciente sequer o suspeite?”  
 —“Exatamente!” (LOBATO, 1979 P.145)

Com isso foi usada uma “solução final” que acabou com os negros por não resistirem à tentação de usar uma eficiente loção “desencarapinhante” que trazia embutida em sua fórmula uma substância esterilizante. O livro de Lobato sintetiza um pensamento racista dominante na época, mas muitas vezes

escondido. É um material indispensável para entender o pensamento racista que permeava a sociedade brasileira no início do século XX.

Por outro lado, na época em que ele viveu, o racismo era tolerado – e até incentivado. As pessoas “cultas” partilhavam da idéia de “superioridade” do branco sobre o negro, e do homem sobre a mulher.

Com a “evolução” material proporcionado diretamente pela “evolução” biológica, a vida ficou muito mais fácil. Ao mesmo tempo em que o homem (branco) eliminou por meio da ciência a “raça infeliz”, este mesmo homem também passou a viver melhor.

Pode-se, assim, ler em *O Presidente negro* uma metáfora das consequências da desculturação de um grupo étnico e, simultaneamente, o grau de solidariedade entre ciência, arte, tecnologia e comunicação, tal como são praticados nas instâncias centrais e que só encontram seu sentido último nas lutas que pelo poder se travam no corpo social. Comunicação, tecnologia, arte e ciência, no caso, serviram para a população branca exterminar a população negra.

O livro, além da tecnologia, aborda claramente aspectos raciais: a cisão da América entre negros e brancos. No tom do livro, ficam evidentes ainda as mazelas provocadas pela escravidão na cultura americana, mais propriamente o ódio racial ainda pungente, como observamos neste trecho do livro:

As algemas caíram dos pulsos, mas o estigma ficou. As algemas de ferro foram substituídas pelas algemas morais do pária. O sócio branco negava ao sócio negro a participação de lucros morais na obra comum. Negava a igualdade e negava a fraternidade, embora a Lei, que paira serena acima do sangue, consagrasse a equiparação dos dois sócios. (LOBATO, 1979, p.108)

Muitos críticos daquela época até os dias de hoje, procuram demonstrar a imagem racista do escritor. Monteiro Lobato se interessava muito em expor nos seus textos temas relacionados ao racismo e tratamento do negro na sociedade da época, e com isso Lobato se tornou alvo dos críticos e de outros escritores, que acreditavam que racista era ele, e não seus livros e textos que procuravam demonstrar o pensamento racial daquela sociedade tentando, até mesmo, corrigi-los com essas leituras.

Então podemos dizer que em todos os momentos Monteiro Lobato aborda tal tema para que assim o leitor possa refletir e discutir sobre o assunto, como afirma Marisa Lajolo nesse trecho:

Assim, se por um lado é possível ler o texto lobatiano como pleno de preconceito racial, por outro, a própria abordagem deste tema tem o mérito de suscitar a discussão e a reflexão acerca do assunto. (LAJOLO, 1989, p. 31).

Segundo Lajolo a representação do negro em lobato não é diferente da produção de boa parte da intelectualidade brasileira. Segundo ela, em alguns livros fica clara a idéia de superioridade racial, e o livro de Lobato deixa o caminho aberto para o afloramento de contradições inevitáveis no projeto da modernização brasileira tão desejada, que propõe diferentes segmentos sociais.

Em suas obras Lobato discute os grandes temas da sua época, e como intelectual que foi, nacionalista, desenvolvimentista traz suas idéias que provocam polêmica ainda hoje, e seus livros continuam sendo alvo de intensos debates entre pesquisadores e leitores atentos.

Lobato usa da literatura para se posicionar perante a sociedade brasileira. O reflexo da escravidão na qual o negro era tratado como animal, como um ser que não tinha alma nem sentimentos, ainda não foi totalmente transmutado na nossa sociedade. Por mais que se tente mudar esta imagem, há quem não consiga ver no negro aptidões intelectuais, éticas, religiosas e sociais iguais às do branco.

Racismo: uma polêmica no âmbito educacional brasileiro.

A obra de Monteiro Lobato faz parte do acervo do Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e é distribuída em escolas públicas de todo o país. Uma das obras tem sido centro de uma polêmica. Trata-se do livro infantil *Caçadas de Pedrinho*, publicado em 1933, que já foi distribuído pelo próprio MEC a colégios de ensino fundamental, e agora está sendo analisado

pelo Conselho Nacional de Educação. O livro destinado à formação docente aponta tratamento discriminatório e mostra um conteúdo violento, embora tratado de forma pitoresca.

Um parecer publicado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), órgão colegiado independente ligado ao Ministério da Educação (MEC) aponta assuntos tratados com preconceito no livro, como os negros e as religiões africanas, quando se refere à "personagem feminina e negra Tia Anastácia e as referências aos personagens animais tais como urubu, macaco e feras africanas".

Em um trecho do livro a personagem Emília diz: "É guerra, e guerra das boas. Não vai escapar ninguém - nem Tia Nastácia, que tem carne negra". O texto considera ainda que Tia Nastácia aparece de forma "matriarcal", ao mesmo tempo em que "reflete o preconceito do branco letrado das classes médias urbanas" da época, inscreve o negro no imaginário de crianças e adultos da mesma cultura – único público naquele tempo.

A publicação do parecer trata a respeito do livro *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, e sobre obras em geral que contenham trechos considerados racistas e que são distribuídas em escolas públicas. Nele se afirma que o programa segue critérios estabelecidos pela Coordenação-Geral de Material Didático do MEC para a seleção de títulos, e um dos critérios é primar pela "ausência de preconceitos, estereótipos ou doutrinações".

O texto sugere que livros com teor semelhante não sejam selecionados no PNBE ou, caso sejam, a Coordenação-Geral de Material Didático e a Secretaria de Educação Básica do MEC deverão exigir da editora a inserção de uma "nota explicativa" com esclarecimentos ao leitor sobre a presença de estereótipos raciais na literatura.

Não se trata de retirar o livro de circulação, mas de selecionar o que merece ser absorvido no âmbito escolar por pessoas ainda em formação. Entregar um livro com teor discriminatório nas mãos de crianças que ainda desconhecem o preconceito e a agressão contra animais é ensiná-las a

praticar o que tanto lutamos para banir. Reconhecer erros e abrir a consciência para outras perspectivas fazem parte da evolução humana.

O parecer foi analisado pelo ministro da Educação, Fernando Haddad, que aprova que o livro continue sendo distribuído nas escolas, mas que tenha notas explicativas sobre o contexto histórico em que foi escrito. Independentemente de a obra ter ou não elementos racistas, professores já afirmam que ela deve ser sempre trabalhada mostrando-se aos alunos o contexto histórico — uma sociedade com resquícios escravocratas — no qual ela foi escrita.

Muitas manifestações em torno dessa provável decisão foram apresentadas, uma vez que muitos alegam não existir racismo na obra. Conforme o parecer do CNE, o racismo estaria na abordagem da personagem Tia Nastácia e de animais como urubu e macaco. "Estes fazem menção revestida de estereotipia ao negro e ao universo africano", diz a conselheira que redigiu o documento, Nilma Lino Gomes, professora da UFMG.

Não prezamos que análise como esta se faça apenas nas obras de Monteiro Lobato, ela deverá valer para todos os livros que utilizem dessa linguagem de estereótipos raciais.

Com base nos textos analisados nesta pesquisa, destacamos que essa linguagem foi constantemente reforçada nas obras de Monteiro Lobato. Não se trata de uma obra específica, mas da maioria de suas obras.

Discutir temas como racismo, eugenia, entre outros temas que vigoravam no século XX, deveria ser uma prática natural, sem resquícios de forte opinião e simpatia a determinados atos racistas, como observamos explicitamente em suas obras.

Lobato tornou-se um ícone da Literatura, por seu estilo próprio e por ressaltar a opinião de uma sociedade que cultivava as práticas da escravidão, e outros crimes cometidos contra os negros. Ao longo da história, a crença na existência de raças superiores e inferiores deu ao racismo uma forma utilizada para justificar a escravidão ou o domínio de determinados povos por outros.

A Literatura, como arte sublime, acumulou até os dias de hoje, grande dívida com este povo que teve sua cultura e suas crenças desrespeitadas. Uma grande construção de estereótipos foi retratada ao longo da história do povo negro. Ainda se fará justiça a essa gente que fez e faz crescer uma nação não apenas com seu suor e seu sangue, mas com sua história rica em arte e cultura negra.

É preciso que comecemos a reformular os estereótipos arraigados em nossa Literatura, desconstruindo essa linguagem ultrapassada e inaceitável que persiste em perpetuar o racismo nos dias atuais. Através da leitura, crianças e jovens podem compreender e refletir sobre questões como preconceito, escravidão, direitos humanos e multiplicidade cultural.

Estimular crianças e adolescentes a aprender o valor das diferenças étnico raciais é uma prática urgente. Obras e referências devem contribuir para o desenvolvimento psicossocial e cultural daqueles que estão começando a aprender.

Esse direito é garantido a cada criança e adolescente. Por meio da leitura elas reinterpretam a realidade, aprendem novos valores e entram em contato com sua própria cultura. O direito a conhecer e a ouvir múltiplas histórias amplia suas perspectivas e aprendizados, contribuindo assim, para a construção de uma sociedade mais igualitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a Antiguidade, a mentalidade ocidental convive com a idéia de que os seres humanos estão divididos em raças, mas foi no decorrer do século XIX, quando os países europeus necessitavam justificar seus projetos de expansão imperialista, que uma grande parte dos seus recursos intelectuais estiveram mais empenhados em definir e hierarquizar as raças que compõem nossa espécie.

A ciência do século XIX conceituava o racismo como o fundamento que permitia justificar a escravização criminosa de milhões de africanos e o autorizava a contradizer de modo convincente o 1º artigo da "Declaração Universal dos Direitos do Homem" de que os seres humanos nascem livres e iguais.

Em todas as obras aqui analisadas, a representação do negro e de sua inserção no seio de uma sociedade que se quer branca, não hesita no realismo das soluções narrativas adotadas. Quer na chave do realismo fantástico da história norte-americana, quer na do realismo miúdo e cotidiano do sítio de Dona Benta.

Nenhum ser humano nasce racista, ele se torna racista ao se deixar infectar pelo vírus da não aceitação do outro com suas "diferenças", ao tornar a sua existência em uma existência feita de ódio pela raça humana, prevalecendo em sua moralidade degradante somente o que um ser humano lhe apraz, ou seja, que não seja negro, nem homossexual, que tenha a sua religião, que muitas vezes seja da sua própria região de nascimento e por fim que este seja também racista.

A história do povo negro, suas origens e cultura, merecem respeito e atenção. A criança negra, na escola, só tem acesso à história de seus antepassados como um povo escravo, humilhado e inferior. Então, é compreensível que queira esconder ou anular suas origens e sua cor. Os colegas de classe dessa criança, pertencentes a outras raças, aprenderão o

mesmo conteúdo racista, desencadeando todo um processo de preconceito étnico e racial.

Em algumas situações específicas, quando ocorre maior atenção e cuidado familiar, baseados no respeito e igualdade racial, o racismo não vai vigorar, pois a formação familiar, se adequada, contribui de forma valorosa no caráter e moral do ser, sendo uma aliada contra esta má cultura imposta pela educação.

As escolas, através de livros como os que acabamos de analisar, ensinam que os negros foram escravos e que, no dia 13 de maio de 1888, a princesa Isabel do Brasil e o conselheiro Rodrigo Augusto da Silva assinaram a Lei Áurea extinguindo assim, a escravidão no Brasil. Mas, a abolição não ocorreu efetivamente, pois, ainda hoje, o negro é visto como subalterno e de raça inferior. E, a principal semeadora desta cultura preconceituosa, é a educação que se constrói a partir dessa Linguagem que aborramos, e que sem uma minuciosa reflexão sobre o poder que elas podem exercer, passarão através dos tempos perpetuando assim o nosso desafio de eliminá-la da sociedade.

Se o conjunto da obra infantil Lobatiana confirma e reforça a marginalidade da cultura popular representada por Tia Nastácia, essa marginalidade ganha tintas trágicas na obra *O Presidente Negro*.

Enfim, a análise revelou que, dentro desse contexto de sua formação, Lobato coloca e integra em seus livros infantis um grupo diferente social, cultural e racialmente. A pesquisa nos permitiu perceber que o preconceito também está arraigado em nosso inconsciente, e que é necessário desenvolver outros olhares sobre o tema. Não podemos ficar restritos apenas na denúncia de que a imagem do negro é estereotipada, a exemplo de Tia Anastácia, mas mostrar, também, o quanto, inconscientemente, os professores e os leitores dessas obras, poderão acentuar esse preconceito dentro deles.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Carmen Lúcia; Camargos, Márcia; Sacchetta, Vladimir : Monteiro Lobato, **Furacão na Botucúndia** . São Paulo: Editora Senac. 1997.

COUTINHO, Afrânio. COUTINHO, Eduardo de F. **A Literatura no Brasil**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1997. Vol. 05.

LAJOLO, Marisa. **Contos escolhidos. Monteiro Lobato**, 3ª edição. Editora Brasiliense, 1989.

LOBATO, Monteiro. **O Presidente Negro ou O Choque das Raças**: Romance Americano do Ano 2228. São Paulo: Brasiliense, 1979.

LOBATO, Monteiro. **Histórias de tia Nastácia**. 9ª Reimpressão da 32ª Ed. São Paulo: Brasiliense. 2002. (Sítio do Pica-pau Amarelo).

LOBATO, Monteiro. **Aritmética da Emilia** circulo do livro S.A São Paulo. Brasil. Ed. Integral Copyright by Herdeiros de Monteiro Lobato. Obra digitalizada disponível em: [HTTP:WWW.4shared.com/dir/182307/b326ea52/sharinghtml](http://WWW.4shared.com/dir/182307/b326ea52/sharinghtml). Acesso em: 21-out-2011